

ESCATOLOGIA NO QUARTO EVANGELHO: o Reino já chegou

Ramiro Mincato

1. Introdução

A escatologia refere-se, como diz o próprio nome, às coisas últimas. E no último revela-se não somente o fim, mas a integralidade, a totalidade. Essa totalidade é anunciada pela escatologia de modo explícito, pois se ocupando do “ser humano e do mundo” em sua relação com Deus nunca perde de vista o todo, que se realizará no fim. Para o último e definitivo está orientado o discurso da escatologia¹.

No Quarto Evangelho, porém, a escatologia recebe um tratamento diferente. O último e definitivo são antecipados para dentro da história. Nesta perspectiva, portanto, não há distância entre o céu e a terra.

Em primeiro lugar, no Quarto Evangelho, falar de escatologia é falar de um aspecto da Cristologia². Na Cristologia joanina, porém, Cristo cede lugar a Deus Pai³, pois a figura de Jesus no Quarto Evangelho é diferente da que temos nos Sinóticos: os sinais são gestos que revelam e aproximam Jesus, os discursos culminam em declarações de Jesus sobre si mesmo e, Jesus, aqui, não prega o Reino, mas a si mesmo⁴, mas em tudo e sempre está em relação com Pai. É isso que o caracteriza como Evangelho da Filiação Divina, *a pedra-angular da sua cristologia*⁵. O Deus de Israel, Pai de Jesus, é o ator primordial. Jesus jamais aparece sem alguma relação com o Pai: “Deus amou tanto o mundo que deu seu Filho único” (3,16)⁶.

1. Cf. SCHÜTZ, Christian; GROSS, Heinrich; SCHELKLE, Karl Hermann; BREUNING, Wilhelm. A Escatologia. IN: FEINER, Johannes; LÖHRER, Magnus, *Mysterium Salutis*: Compêndio de dogmática histórico-salvífica. Petrópolis: Vozes, 1985, v. V/3.
2. Cf. SCHNACKENBURG, Rudolf. *El Evangelio según San Juan II*: versión e comentario. Barcelona: Herder, 1980, p. 536.
3. Cf. LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho segundo João I*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 29.
4. Cf. TUÑÍ VANCELLS, José O. *O Testemunho do Evangelho de João*: Introdução ao Estudo do Quarto Evangelho. Petrópolis: Vozes, 1989, p. 78. Ver adiante item sobre o “Reino de Deus”.
5. Cf. LONGENECKER, R.N. *The Christology of Early Jewish Christianity*, London: SCM, 1970, p. 93-98. Três títulos cristológicos envolvem o termo *hyiós* (filho): *o hyiós tou theou* (Filho de Deus); *o hyiós* (“Filho” ocorre 54 vezes, sendo que, destas, 17 indicam a filiação divina de Jesus: Jo 3,17.35.36 (2x); 5,19 (2x).20.21.22.23 (2x).26; 6,40; 8,35. 36;14,13; 17,1) e *o hyiós tou anthrôpou* (Filho do Homem). Além disso, o uso freqüente do termo *patêr kyrios* para Deus (115 vezes no Evangelho) para designar a relação de Jesus com Deus, enquanto *theós* se encontra 73 e *ku,rioj* 2 vezes, excetuadas as duas vezes que é aplicado a Jesus em 1,1 e 20,28. O *monogenês* (“unigênito”) referindo-se a Jesus Cristo é exclusividade do Quarto Evangelho (4x) e da Primeira João (1x). Isso demonstra o claro acento joanino no tema da filiação divina, testemunho da relação única entre Jesus e Deus. Somente o Quarto Evangelho indica essa relação de Jesus com Deus, seu Pai, o que confirma a importância da temática da “filiação divina” na revelação da identidade de Jesus.
6. Cf. LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho segundo João I*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 29.

Nos Sinóticos, Jesus proclama o “Reino de Deus” como uma realidade futura/próxima e convida os homens à conversão para entrarem nele. As parábolas e ações extraordinárias (curas, exorcismos e milagres) em favor dos doentes e endemoninhados são sinais que antecipam a presença do Reino: “se é pelo Espírito de Deus que eu expulso os demônios, então o Reinado de Deus já vos alcançou” (Mt 12,28; cf. Lc 11,20). Com essas palavras Jesus dá a entender que com o Reino de Deus começa uma nova era que porá fim à dominação de Satanás (cf. Lc 10,18)⁷. O Reino é objeto da boa-notícia proclamada por que Jesus. A “salvação” identifica-se com o advento do “Reino de Deus” em sua soberania sobre o mundo, esperado para um futuro próximo, embora já iniciado na pessoa de Jesus. A expressão “Reino de Deus” vinha associada a um cataclismo iminente que traria o fim (*escaton*) do mundo. A mensagem de Jesus parecia ser essencialmente escatológica, de tal modo que os cristãos, depois de sua morte, esperam seu retorno em uma segunda vinda (*parusia*). Essa esperança é manifesta na invocação: “Nosso Senhor, vem” (1Cor 16,22: *maraná-ta*; cf. Ap 22,20)⁸. De tudo isso, porém, o Quarto Evangelho não fala: Jesus não anuncia o Reino, não o proclama presente, não o ilustra por meio de parábolas. Os gestos extraordinários de Jesus não são sinais da presença do Reino, mas sinais da glória de Deus que se manifesta em Jesus. Os homens não são chamados à conversão, mas simplesmente a crer em Jesus. O Reino é substituído pela vida eterna, e esta consiste em crer em Jesus.

O Evangelho da Filiação Divina é, portanto, o Evangelho da alta-cristologia, e esta acarretou, conseqüentemente, uma mudança na escatologia.

2. Os enigmas do Evangelho

Para explicar a mudança ocorrida no Quarto Evangelho com relação à pregação do Reino e à escatologia é necessário localizar o Evangelho no contexto histórico e identificar o seu tema central. Já em 1925, Bultmann definiu esses dois desafios como enigmas (*Rätsel*) do Quarto Evangelho: um histórico e outro teológico⁹. O enigma histórico diz respeito à sua localização no quadro do processo de desenvolvimento do cristianismo das origens, e o teológico consiste em descobrir qual é a sua intuição central, sua grande concepção (*Grundschrift*), ou seja, qual é o sujeito do Evangelho.

2.1. A idéia central

“Revelação” é a idéia central do Evangelho, tanto para Bultmann como para Hoskyns que concordam com relação ao segundo enigma¹⁰. Embora a *Grundschrift* poderá variar em cada exegeta, dependendo da escolha de diferentes versículos para identificá-la, a Cristologia como tal está acima dessas escolhas, é central, e dela de-

7. Cf. BÍBLIA. Português. Tradução Ecumênica da Bíblia. Edição Integral. São Paulo: Loyola, 1994. Mt 12,28, nota.

8. Cf. SEGALLA, G. *Evangelo e Vangeli*, p. 362.

9. Cf. BULTMANN, Rudolf. “Die Bedeutung der neuerschlossenen mandäischen und manichäischen Quellen für das Verständnis des Johannesevangeliums”. *Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft*, t. 24 (1925) 100-146.

10. HOSKYNS, E.C. *The Fourth Gospel*. London: F.N. Davey, 1940.

pendem todos os outros temas. “Para as comunidades joaninas Jesus era o Revelador, a maneira dos apocalípticos judaicos e profere discursos de Revelação”¹¹.

A vinda de Cristo na história é vista como “juízo de Deus” sobre o mundo, juízo ao qual todo ser humano participa enquanto é obrigado a tomar posição diante da “revelação” com a qual é confrontado. Aquele que rejeita Cristo coloca-se do lado das trevas contra a luz, preferindo a falsidade à verdade, e fazendo isso se impõe a si mesmo a sentença de condenação. Aquele que “crê” nele, abraça a verdade, alia-se à luz e recebe a vida eterna. Assim a vinda de Cristo, como revelador do Pai, constitui o acontecimento escatológico decisivo, pois introduz a “última hora” no mundo (cf. 1Jo 2,18).

O Evangelho não nasceu pronto. É fruto da pregação cristã e de um longo processo de releitura e composição. É uma atualização e aprofundamento do sentido das palavras de Jesus¹². A linguagem judicial (*krisis*) que perpassa todo Evangelho é a percepção da comunidade joanina no final do primeiro século, de que o juízo de Deus de certa forma já tinha se realizado em Jesus de Nazaré, o Filho de Deus. Essa mudança da compreensão messiânica de Jesus para uma cristologia da “filiação divina” produziu a mudança da escatologia. O contexto histórico da comunidade deve ter incidido diretamente nesta mudança.

2.2. A história da comunidade

Para entender, portanto, as mudanças ocorridas na doutrina da comunidade joanina, é necessário verificar o primeiro enigma do Evangelho, isto é, sua localização na história do cristianismo primitivo.

O anúncio de Jesus Cristo espalhou-se, depois da morte de Jesus por volta do ano 30, ao longo de décadas, na Galiléia, na Judéia, na Samaria e entre os judeus da diáspora espalhados pelo Oriente Próximo e Médio, e por meio da pregação de Paulo, também entre os gentios, inclusive na Europa. As comunidades eram formadas por judeu-cristãos e pagãos convertidos, formando unidades culturalmente plurais e diversificadas¹³.

A comunidade joanina começou na Palestina, entre judeus, e seus primeiros discípulos são os discípulos de João Batista, que não têm dificuldades em aceitar Jesus como Messias davídico. Nesse grupo inicial, mais tarde, entraram também judeus com tendências contrárias ao Templo, que conquistaram e converteram os samaritanos. Estes últimos entendem Jesus, de modo diferente ou até contra a tradição mosaica. Para eles Jesus é alguém que preexistia junto de Deus e que fora enviado para trazer sua palavra para o povo. Jesus, portanto, não é simplesmente um descendente de Davi, mas, na verdade, o próprio “Filho de Deus”, título que adquirirá um significado da

11. Cf. KONINGS, Johan. *O Evangelho segundo João: Amor e Fidelidade*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinal, 2000, p. 21.

12. Cf. os dois tempos de leitura do Evangelho, in LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho de João I*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 18.

13. Basta pensar as duas correntes de pensamento cristão representadas pelas cartas de Paulo, por um lado, e a de Tiago, por outro.

alta-cristologia na comunidade joanina¹⁴. É justamente esse grupo que catalisou o desenvolvimento de uma cristologia elevada da preexistência, que acabou provocando a ruptura com a sinagoga, devido às dificuldades de conciliar com esta compreensão o monoteísmo judaico. Num terceiro momento entram os convertidos gentios, provavelmente com a saída da comunidade para a diáspora¹⁵.

A convivência pacífica da comunidade mãe de Jerusalém com os “outros judeus” torna-se problemática, especialmente quando Tiago Menor foi morto por instigação das autoridades do Templo, em 62 dC. Com a deflagração da “guerra judaica” em 66 dC, os zelotes declaram guerra aos romanos e ocupam o Templo. Em 70, o Templo é destruído e em 73, os zelotes suicidam-se coletivamente em Massada, deserto de Judá.

Todos esses acontecimentos foram vistos como preparatórios da volta do Senhor Jesus. Não tinha sentido, portanto, engajar-se na luta dos zelotes, mesmo porque o Templo devia ser substituído quando chegasse o dia do juízo. Atitude de escapismo histórico.

Com a destruição do Templo e a conseqüente impossibilidade de oferecer sacrifícios pelos sacerdotes, o judaísmo procura reestruturar-se, a partir dos rabinos de tendência farisaica, em torno do estudo da Torá (Concílio de Jabne/Jâmnia). Desde então, a relação entre cristãos e sinagoga foi de conflito aberto. Nessa atmosfera o Evangelho de João conheceu sua redação final, depois dos anos 80 dC.

Mas o conflito com o judaísmo não foi o único problema a ser enfrentado pela comunidade joanina. Dispersos pela diáspora, a comunidade teve que adaptar-se também ao helenismo. Culturalmente a Ásia Menor, pátria do Evangelho, era dominada pelo sincretismo oriundo das constantes permutas e da influência de vários séculos de helenismo em toda Bacia Mediterrânea, que lhe propiciou inclusive uma língua comum: o grego da Coíné. A mistura ou combinação das religiões grega, egípcia (Isis), síria, frígia e babilônica – deu origem a uma variedade de cultos místéricos. Por meio dos ritos de iniciação os fiéis entravam em contato com divindades, assegurando uma existência feliz no além. Ao lado desses ritos populares havia também a necessidade de uma nova doutrina, que permitisse viver sem demasiadas angústias e tribulações, e que garantisse uma imortalidade feliz. Desse modo, pouco a pouco, foram aparecendo os primeiros movimentos gnósticos, semi-sapienciais e semimágicos. Os ritos permitiam a purificação da alma que veio do céu, sua libertação da prisão carnal e sua volta à origem celeste.

Sob essa confluência cultural, nos limites do cristianismo do século I, o Quarto Evangelho nasceu¹⁶. Ele procura fundamentar, teologicamente, a ruptura ocorrida entre o judaísmo e a comunidade joanina. “Jesus veio para os seus, mas os seus não o re-

14. Cf. MINCATO, Ramiro. *O Título “Filho de Deus” e a pericope 10,22-42 no Quarto Evangelho: análise narrativa e teologia*. Roma: Pontificiam Universitatem S. Thomae Aq. 2003, Tese doutoral.

15. Cf. BROWN, R.E. *A Comunidade do Discípulo Amado*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 25-60.

16. O Evangelista teria feito duas redações antes que o Evangelho recebesse a redação final por um seu discípulo. Quando se fala de material redacional, pensamos no evangelista que desenvolveu o material tradicional de modos a responder aos novos problemas que a comunidade foi enfrentando ao longo da sua história. Sobre as 5 etapas da composição, cf. BROWN, R.E. *El Evangelio según San Juan*, I – XII, 36-43.

ceberam” (cf. 1,11), e assim formou os novos “seus” (13,1), indicando a substituição de “Israel” pela Igreja cristã, compreendida agora como o “verdadeiro Israel”. O verdadeiro Israel era formado pelos que receberam a revelação de Jesus, os que foram gerados não pelo sangue, nem pela vontade da carne, nem pela vontade do homem, mas de Deus (cf. 1,12-13), isto é, sem dependência de sangue ou de raça. Jesus vê Natanael que vem a ele e diz: “Eis um verdadeiro israelita no qual não há fingimento” (1,47). Os discípulos de Jesus formam o “novo Israel”.

3. A escatologia e o Reino de Deus

3.1. O Reino já começou

Nesse quadro histórico do cristianismo no final do I século, João responde à situação da sua comunidade com uma linguagem mais simbólica e mais universal. A composição da comunidade por grupos de tendências diferentes (judeus ortodoxos, judeus heterodoxos contrários ao Templo, samaritanos e gentios), a experiência da exclusão da sinagoga judaica, a guerra contra Roma etc. constituem o pano de fundo da sua teologia. O Jesus não é somente o Messias esperado, mas é “o Filho unigênito de Deus” (1,14, 3,16.18). Os conflitos e guerras são interpretados como sinais do Tempo Final. A escatologia assumiu uma forma de escatologia já cumprida em Jesus mesmo, no “seu” momento histórico e no momento histórico “da comunidade de fé”. A realização do Reino não precisa de ulteriores complementos ou novos acontecimentos, mas já aconteceu em Jesus e naquele que crê. A dimensão apocalíptica da parusia (futura) foi desaparecendo: “quem crê nele não é julgado; quem não crê já está julgado, porque não creu no nome do Filho único de Deus” (3,18); “aquele que ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna: ele não vem a juízo, mas passou da morte para a vida” (5,24; cf. 5, 21-25). O Reino de Deus, portanto, não é mais uma realidade para ser esperada para o fim, mas uma realidade histórica que deve ser vivida aqui e agora. A esperança da plenitude e da totalidade aterrizou.

Mas, por outro lado, o Quarto Evangelho não eliminou as camadas mais antigas da sua tradição, os resíduos da escatologia futura: “vem a hora em que os que jazem nos túmulos ouvirão a sua voz, e os que tiverem feito o bem sairão para a ressurreição que conduz à vida; os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição que conduz ao julgamento” (5,28-29); “A vontade daquele que me enviou é que eu não perca nenhum dos que ele me deu, mas que eu os ressuscite no último dia. De fato esta é a vontade de meu Pai: que todo aquele que vê o Filho e nele crê tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia” (6,39-40)¹⁷.

3.2. O Reino neste mundo e a Vida eterna

Houve, portanto, uma identificação entre o Reino pregado pelos Sinóticos e a Vida eterna joanina. Ambos os conceitos passam a significar uma realidade já presente. A escatologia realizada é uma espécie de substituição da promessa futura da vida

17. Cf. CONZELMANN, Hans. *Teologia del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 1991, p. 462.

definitiva. O fiel é responsável, portanto, pelo ato de crer, de realizar a vida plena agora, uma vez que ela já se realizou plenamente em Jesus Cristo. Quem “crê” já tem a vida eterna.

Nesse sentido, a imagem do “Filho do Homem” que vem sobre as nuvens no céu, profetizada pelos Sinóticos para o fim dos tempos¹⁸, no Quarto Evangelho é a pessoa de Jesus, o homem de Nazaré. O “Filho do Homem” é a figura cristológica que se adapta perfeitamente ao esquema “preexistência-encarnação”, pois “ninguém subiu ao céu, senão aquele que desceu do céu, o Filho do Homem” (cf. 3,13)¹⁹. E o “Filho do Homem” é “Jesus, filho de José, de Nazaré” (1,45). O Logos preexistente em Deus antes da criação do mundo, e que era Deus, tornou-se carne em Jesus (1,1.14). Como luz (1,9-10; 8,12; 9,5) vem para revelar Deus, porque é o único que desceu do céu, viu a face e ouviu a voz de Deus (3,13; 5,37). A “divindade” de Jesus encontra-se claramente manifesta na figura do preexistente “Filho do Homem”²⁰.

O Evangelho de João foi denominado como o mais espiritualizante²¹. No entanto, como vimos, ele possui afirmações históricas fortes. A história não representa apenas o tempo menor, intermediário, semente de espera, mas um tempo rico, tempo no qual Cristo está presente e ativo. A encarnação se prolonga e abre, agora, seu significado revelador e de salvação²².

Se Jesus é Deus (e não apenas o Messias davídico) a escatologia já se realizou. Se a escatologia já se realizou, então a vida eterna é uma realidade que já começou aqui neste mundo. Daí o termo “vida” ser a categoria preferida para indicar a salvação. A vida eterna é dada agora, pois o revelador (Filho do Homem) desceu do alto e veio a esse mundo (3,13; 6,33.38.41.42.50.51.58) para dar vista aos cegos (9,35-39), ressuscitar os mortos (5,21.25; 11,25) e retornar de novo para o alto de onde veio (6,62; 16,28; 20,17). De junto do Pai chama a si os homens, à intimidade da fé e do amor: “quando serei elevado da terra, atrairei todos a mim” (12,32 cf. 14,18-23). A vida eterna, portanto, é dada agora, a salvação é experimentada agora mediante um novo nascimento na água e no Espírito, entrando, desse modo, no Reino de Deus (3,3-5).

Os atributos de Deus Pai, conforme a revelação da Antiga Aliança, o amor misericordioso e a firme fidelidade são, agora, atribuídos a Jesus, “cheio de graça e verdade” (*pléres xáritos kai 'aletheías*, cf. 1,14), que “armou sua tenda no meio de nós”. A história humana foi elevada à categoria de história sagrada, pois “o Logos se fez carne e habitou no meio de nós” (1,14), neste mundo. Toda atividade terrena de Jesus culminará na Páscoa, realização da “hora”, ou seja, da sua “glorificação”, como plena mani-

18. Cf. Visão do Filho do Homem daniélico: Dn 7,13-14.

19. Para a comunidade joanina, não foi Moisés mas Jesus que viu a Deus (1,18) e depois desceu à terra para falar do que ouvira, cf. 3,13.31; 5,20; 6,46; 7,16. O mesmo esquema ocorre quando Jesus se apresenta como o “pão da vida” em 6,32-35.

20. Cf. BROWN, R.E. *A Comunidade do Discípulo Amado*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 45-49.

21. Foi denominado assim por Clemente de Alexandria – *Evangelion Pneumatihon* – por ser um evangelho diferente dos outros sinóticos, cf. EUSÉBIO. *Storia Ecclesiastica* VII, 14,7.

22. Cf. MAGGIONI, Bruno. *Il Vangelo di Giovanni*. IN: BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *I Vangeli*. Assisi: Cittadella Editrice, 1978, p. 1335.

festação de Deus ao mundo²³. Essa compreensão da glória de Jesus na “hora” da Paixão-Morte-Ressurreição deslocou o centro de interesse, que nos Sinóticos estava voltado para o futuro Reino de Deus, para a pessoa divina-humana de Jesus²⁴.

Unindo-se a Jesus, que recebeu do Pai o poder de dar a vida, também o fiel recebe a vida divina, que continuará para além da morte. O fato de antecipar a escatologia não enfraquece o conceito de Reino de Deus, mas o torna ainda mais aderente à história humana. Tanto a escatologia, como a eclesiologia e a soteriologia dependem diretamente da cristologia²⁵.

4. Algumas implicações práticas

A partir dessas observações sobre a “escatologia” do Quarto Evangelho podemos tirar algumas conclusões:

0. O Evangelho é um texto de revelação e Jesus mesmo é o revelador. Jesus não revela coisas ocultas, mas revela o Pai a partir de sua prática. A revelação não nos põe em contato com doutrinas esotéricas, mas em contato com a prática de Jesus. Sua história vivida na terra revela o que viu e ouviu do Pai, os seus discursos aprofundam o significado teológico da sua prática. O Quarto Evangelho concretiza as conseqüências da revelação de Jesus para dentro da história. Não é revelação abstrata, por cima das vicissitudes históricas.
1. As vicissitudes históricas põem a salvação no mundo presente, e, portanto, a salvação presente é o equivalente ao Reino de Deus dos sinóticos.
2. O contexto histórico da comunidade “catalisou” uma nova e mais profunda cristologia. A revelação de Deus deu-se na vida da comunidade, e esta compreende de maneira nova o “messias” nos Sinóticos. Deus se revela na história da comunidade mergulhada em seus dilemas, conflitos e esperanças. A comunidade foi capaz de ver a Guerra Judaica, a perseguição da Sinagoga, a influência do helenismo, a concorrência de correntes gnósticas e o dualismo metafísico como desafios para encarnar ali a Palavra de Jesus. É necessário discernir no “agora” da caminhada histórica o caminho a seguir. Isso implica num mais profundo compromisso com a história: pois dependendo dessa escolha já se está condenado ou já se está salvo.

23. A segunda grande unidade (11,1 – 20,29) pode ser indicada como o “livro da hora, da conclusão da obra e da volta ao Pai, como vem indicado pelo comentário do evangelista: Antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que sua *hora* tinha chegado *de passar deste mundo ao Pai...* (13,1; cf. também 17,1b). O “primeiro livro” (1 – 12) preparava o “segundo” (11 – 20), pois os sinais foram narrados em vista da hora de Jesus, ou seja, a hora da paixão que é também a glorificação, ou a hora em que se revelará plenamente (cf. 2,4; 4,23; 5,25.28; 7,30; 8,20; 12,23.27; 13,1; 16,4.25.32; 17,1; 19,14).

24. Cf. SEGALLA, G. *Evangelo e Vangeli: quattro evangelisti, quattro Vangeli, quattro destinatari*. Bologna: EDB, 1994, p. 361-365.

25. Cf. KÄSEMANN, E. *L'Enigma del Quarto Vangelo: Giovanni, una comunità in conflitto con il cattolicesimo nascente*. Torino: Claudiana, 1977.

3. A escatologia presente é uma releitura que atualiza Jesus de Nazaré para a situação do final do I século: as palavras de Jesus servem para iluminar outras circunstâncias e valorizá-las como terreno de salvação.
4. Ao contrário de ser o Evangelho mais espiritualizante, temos o Evangelho mais engajado com o mundo: a salvação foi antecipada para esse mundo durante a existência terrena. “A Palavra se fez carne e habitou entre nós” (1,14) é a expressão mais forte, pois a Palavra entrou na vida da humanidade. A carne significa a existência terrestre material do ser humano. A vida humana de Jesus é a Palavra de Deus dirigida aos homens. Por isso, o Evangelho é uma resposta concreta à gnose, que procurava “desencarnar” a pessoa de Jesus.
5. Para entrar no Reino é preciso um esforço pessoal, um novo nascimento pela água e pelo Espírito (cf. 3,5); é preciso vencer os adversários que se opõem a Jesus.
6. O juízo não é um fato exterior e distante, mas realidade atual e interior. O Evangelho é um convite para viver o presente.
7. Entrar na novidade do Reino é entrar no mistério pascal, culminância de um caminho de entrega (tema da “hora”): “Se o grão de trigo que cai na terra não morrer permanecerá só; mas se morrer produzirá muito fruto” (13,24).
8. Em Cristo/Messias inaugurou-se o tempo do Fim. A elevação de Jesus na cruz é a culminância do amor de Deus que superou a distância infinita que separa historicidade e eternidade.
9. O Evangelho não elimina a dimensão da plenitude futura, mas mantém a tensão entre o “já” e o “ainda não”, característica do tempo da Igreja, que estamos vivendo (cf. 5,28-29).

Ramiro Mincato